

10. HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ E A QUESTÃO DA HISTÓRIA

Dra. Cláudia Maria Rocha de Oliveira
Profa. Adjunta do Departamento de Filosofia
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
E-mail: claudiamroliveira@gmail.com
Data de recepção: 25/01/2018
Data de aprovação: 05/02/2018

Resumo: Neste artigo, indicaremos como a modernidade assume a história como um problema filosófico. Em seguida, explicitaremos a concepção de história defendida por Lima Vaz. Finalmente, defenderemos a tese de que a noção de história está intimamente integrada à filosofia sistemática de Lima Vaz.

Palavras-chave: História - subjetividade - ser - existir

1. Considerações iniciais

Uma das principais questões que perpassa toda a obra filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002) é aquela da relação entre o Absoluto e a História. Presente de modo bastante explícito no livro *Ontologia e História*, publicado pela primeira vez em 1962, o tema é assumido no interior de todas as obras sistemáticas do autor – obras elaboradas no período que se inicia com a *Antropologia Filosófica* em 1991 e termina com *Raízes da Modernidade* em 2002. Ele se constitui como um dos fios condutores que perpassa e unifica toda a reflexão.

Trata-se de pensar como articular duas noções em aparente oposição: de um lado, a História compreendida como o lugar do tempo propriamente humano e, portanto, como o lugar da manifestação de uma subjetividade finita e singular, que é no mundo e que ao ser-no-mundo instaura nele um sentido propriamente humano; de outro lado, o Absoluto caracterizado por sua transcendência e infinitude, pela não contingência e por seu valor não relativo.

Neste artigo, não pretendemos reconstruir todo o percurso seguido por Lima Vaz nem explicitar propriamente a questão da relação entre Absoluto e História. Nossa pretensão é bem mais modesta. Ao nos ater ao tema da História, procuraremos, em primeiro lugar, indicar como a modernidade assume a história como um problema filosófico. Em seguida, explicitaremos a concepção de história defendida por Lima Vaz procurando sublinhar os seus elementos fundamentais. Finalmente, num terceiro momento, mostraremos de que modo a noção de história se constitui como uma das noções-chave, capazes de conferir maior inteligibilidade à filosofia sistemática Lima Vaziana.

Cabe ressaltar, desde o início, que Lima Vaz não se debruça sobre o problema da história a partir de uma perspectiva epistemológica. A sua principal preocupação não está relacionada com o fato de a história ser ou não uma ciência. A perspectiva privilegiada por ele, ao tratar da questão da história, é ontológica. Ele se interessa pelo existir histórico enquanto existir ou modo de *ser* propriamente humano.

Ora, sabemos que Lima Vaz era grande conhecedor e admirador da metafísica de Tomás de Aquino, sabemos também que a sua obra sistemática emerge a partir de uma tentativa de ler de modo criativo a luz dos desafios da modernidade, a noção de ser tomasiano. O que pretendemos defender na terceira parte desse artigo é que um dos elementos principais que

confere originalidade à proposta de Lima Vaz é a sua noção de história. A partir dela, a noção de ser lima-vaziana, embora herdeira de Tomás de Aquino, adquire identidade moderna.

2. A modernidade e a questão da história

Desde as origens, a Cultura Ocidental sempre considerou a questão da história. Isso fica patente se recordarmos de figuras como, por exemplo, Hesíodo e Sófocles. Contudo, a consciência histórica, consolidada no século XVIII, possui algumas características que a distinguem e a tornam original. Essas características estão intimamente relacionadas com a imagem de mundo a partir da qual o ser humano organiza a vida. A partir da imagem antiga do mundo, o ser humano se via integrado a uma totalidade, modelo de orientação para a vida individual. Enquanto ser “natural” submetido ao “tempo” próprio do mundo, cabia a ele contemplar a harmonia do *cosmos* e procurar integrá-la na própria existência. A virtude ou realização da excelência humana estava diretamente relacionada à capacidade de compreender a ordem estabelecida e de ser capaz de julgar, nos casos particulares, quais as escolhas conduziriam à realização da ordem. Nesse sentido, Lima Vaz esclarece que:

A imigração transterrena ou mesmo transcendente era igualmente uma migração transhistórica, na medida em que a História era sentida como a limitação, a contingência, as carências ou a miséria da existência no estreito horizonte físico, ou na medida em que a História era apenas o fio sempre igual dos eventos no mundo sublunar da geração e da corrupção (LIMA VAZ, 2000a, p. 227-228).

A imagem moderna do mundo, por sua vez, caracteriza-se por uma espécie de ruptura em relação à imagem clássica. Uma das raízes da consciência histórica moderna pode ser encontrada, portanto, no processo que conduziu à dissolução do cosmo natural do homem antigo. O ser humano não se compreende mais como ser submetido ao tempo do mundo, mas sim como ser capaz de transcender o mundo e, portanto, de criar um tempo propriamente humano. Ao se compreender como “ser histórico”, o ser humano submete o mundo às suas iniciativas, conferindo a ele uma significação que passa necessariamente pela mediação das narrativas construídas pelo sujeito.

A transcendência do homem sobre o mundo carrega consigo a marca de uma nova e original intencionalidade que faz do sujeito o construtor de seu próprio mundo. A subjetividade passa a ser afirmada na sua singularidade e irreducibilidade, à medida que os quadros estáticos dos cosmos antigos são rompidos. Ela passa a ser compreendida “como radical transcendência sobre a ordem ‘natural’ do mundo e como liberdade empenhada num destino histórico” (LIMA VAZ, 2001, p.166).

A subjetividade, compreendida como “a ‘interioridade’ da consciência – enquanto oposta à ‘exterioridade’ do mundo” (LIMA VAZ, 2001, p.166), revela –se como fonte de projetos históricos, como lugar de iniciativa e criatividade. Ela não pode ser confundida com subjetivismo, mas como Lima Vaz esclarece, “a subjetividade moderna é, assim, a forma específica com que a consciência do homem moderno – manifestada nas suas criações culturais – ‘compreende’ o mundo” (LIMA VAZ, 2001, p.166).

Ora, a emergência da subjetividade moderna torna possível o desenvolvimento de uma nova consciência, de uma consciência histórica. Lima Vaz aponta duas características fundamentais que caracterizam a consciência histórica moderna. A primeira diz respeito ao fato de ela assumir “a forma de uma ‘filosofia da história’ em que essa aparece como processo orientado para um fim” (LIMA VAZ, 2001, p.170).

À medida que a intencionalidade própria da subjetividade moderna torna possível compreender o mundo como uma realidade em construção e, portanto, dependente em certa medida do empenho e da iniciativa históricos do homem, emerge na modernidade a questão a respeito do sentido da história. Qual mundo deve ser construído? Com qual finalidade? O ser humano se vê, portanto, lançado diante do desafio de exercer autenticamente a sua liberdade e, em consequência, de assumir a responsabilidade por suas iniciativas. Como Lima Vaz esclarece:

Uma visão imensamente dilatada e criticamente estabelecida da diversidade dos tempos, dos costumes, das sociedades, das leis, do que mais tarde se chamarão as ‘civilizações’, vem suscitar a interrogação sobre as causas e os fins do processo histórico, sobre a significação de uma história cujo relevo começa a dominar o horizonte intelectual (LIMA VAZ, 2001, p.171).

A segunda característica tem a ver com o fato de a origem da consciência histórica moderna ser “consequência da descoberta *experimental* do tempo histórico” (LIMA VAZ, 2001, p.170). Nesse sentido, a “descoberta do tempo histórico como realidade *empírica* explorável com as técnicas e os métodos da pesquisa científica” (LIMA VAZ, 2001, p.171) torna possível uma reconstrução completamente nova do tempo.

O passado emerge como um segmento de realidade que pode ser reconstruído com *instrumentos* adequados de investigação (os métodos históricos) e restituído, assim, ao âmbito do saber experimental. Desta sorte, a gênese da moderna “consciência histórica” aparece no processo de formação da cultura moderna indissolivelmente ligada à própria gênese da ciência experimental (LIMA VAZ, 2001, p. 171).

A consciência do homem moderno se vê diante da possibilidade de reelaborar o mundo e de controlá-lo de modo experimental a partir da racionalidade matemática caracterizada pela exatidão, pela precisão. A natureza, enquanto “dado”, pode ser, então, assumida como projeto de uma natureza construída pela intencionalidade criativa do ser humano que faz uso de novos instrumentos e técnicas científicas.

Podemos chegar, pois, a uma primeira conclusão: embora a questão da história esteja desde sempre presente na Cultura Ocidental, na modernidade, ela adquire contornos bastante originais. A história passa a ser definidora da consciência moderna. O *eu* construtor assume a função de conferir sentido ao mundo que se torna mundo humano através da mediação de uma subjetividade extremamente ativa e criativa. Em consequência, como mostra Lima Vaz, na modernidade a história “não é mais o que se desenrola sobre a cena do mundo; é o que provoca o advento do mundo como mundo humano” (LIMA VAZ, 2001, p.198)

3. A concepção Lima Vaziana de história

Ao se confrontar com a noção moderna de consciência histórica, Lima Vaz conferirá grande importância a ela. Nas décadas de 1950 e 1960, ele escreveu vários textos sobre este tema. Contudo, embora íntegro na sua reflexão a noção de história, há um elemento característico da noção moderna que Lima Vaz procurará superar. Para ele, tal elemento é responsável pelo que ele chama de *enigma* da modernidade¹. Ora, à medida que se apoia numa imagem de ser humano e de sua ação como princípios de interpretação da história e do mundo, caracterizados por uma ativa transcendência do homem, a consciência histórica moderna se desenvolve a partir de ideais culturais profanos. Estabelece-se uma oposição entre o homem e o transcendente, como se houvesse a impossibilidade de afirmar, ao mesmo tempo, a ação criativa e instauradora

de sentido do ser humano, e a existência de um ser Absoluto como causa última da realidade e do sentido.

Lima Vaz defenderá a necessidade de se afirmar a subjetividade como intencionalidade criativa. Em consequência, ele atribuirá ao homem importante responsabilidade na construção de sentido e, portanto, na realização de sua liberdade. Mas, ao mesmo tempo, ele defenderá que, ao contrário de se opor à ideia de um Absoluto transcendente, a afirmação da transcendência do homem e da importância de seu empenho para a construção de um tempo propriamente humano tem como condição última de possibilidade a afirmação do Absoluto como polo intencional do dinamismo da consciência humana.

Ora, como dissemos no início deste texto, não explicitaremos aqui como Lima Vaz propõe pensar a relação entre o Absoluto e a história. O que propomos é mostrar como, ao integrar a concepção moderna de história à sua filosofia, ele desenvolve uma reflexão original, ainda que herdeira de Tomás de Aquino. Vejamos, então, o que Lima Vaz compreende por História.

Para Lima Vaz, a história não deve ser compreendida como “uma realidade subsistente em si mesma, com um sentido imanente e uma inteligibilidade inteiramente articulada” (LIMA VAZ, 2001, p.167). Ele a define como “iniciativa original da consciência – na forma de *conhecimento histórico*” (LIMA VAZ, 2001, p.167). A História pode ser, portanto, definida como “realidade que presentemente temos em vista: a realidade do existir temporal do homem, enquanto este existir é o existir de um *sujeito*”³ (LIMA VAZ, 2001, p.220), de um sujeito, como vimos, ativo, criativo, construtor de um mundo e de um tempo propriamente humanos.

A consciência histórica do sujeito é histórica porque ele existe historicamente. Isso significa que a historicidade constitui-se como estrutura fundamental do existir humano. O ser humano é necessariamente um ser-no-mundo e, consequentemente, está submetido ao tempo empírico da sucessão dos acontecimentos. Contudo, o tempo no qual o homem se insere não é o tempo puramente empírico. O homem não é um mero ser natural submetido ao tempo do mundo. O tempo humano é o tempo da significação. Tempo assumido pela consciência que imprime nos acontecimentos um sentido e traduz esse sentido numa narrativa que pode ser comunicada a outras consciências. Nesse sentido, ao partir da fenomenologia, Lima Vaz pensa a historicidade do existir humano a partir do entrecruzamento entre dado/facticidade e sentido/significação (LIMA VAZ, 2001, p. 186).

Com outras palavras: existir temporalmente apenas se constitui como existir histórico, à medida que tal existir é assumido pela intenção da consciência⁴. Ou ainda, quando o existir temporal não é o existir de um objeto, mas sim o existir do sujeito. O existir histórico supõe necessariamente “a iniciativa da subjetividade, da consciência” (LIMA VAZ, 2001, p. 220). Ou ainda, “o ser temporal é um estatuto objetivo da existência humana, independentemente de sua intenção pela consciência. É uma estrutura do mundo no qual o homem se insere” (LIMA VAZ, 2001, p.219). Contudo, como mostra Lima Vaz, “existir temporalmente só se torna existir histórico quando a intenção da consciência confere ao ‘tempo do mundo’ uma significação de ‘tempo do homem’; quando o modo temporal do ser-no-mundo torna-se ser-para-a-consciência” (LIMA VAZ, 2001, p.219).

Se, por um lado, empiricamente a história se constitui a partir da sucessão temporal de acontecimentos, por outro lado, os acontecimentos apenas adquirem uma dimensão propriamente histórica quando são referidos “a um devir intencional que existe para-as-consciências” (LIMA VAZ, 2001, p. 221-222). Nesse sentido, Lima Vaz esclarece que a estrutura específica do ser histórico implica “o plano de intencionalidade da consciência em que precisamente intencionar o objeto seja afirmar-se (e reconhecer-se) como *sujeito* do existir histórico” (LIMA VAZ, 2001, p. 221).

Em consequência, a história possui uma estrutura aberta. Ela não está completamente construída, nem é algo simplesmente dado de modo natural. Enquanto não se constitui como

realidade pronta, a história não pode ser simplesmente contemplada. Ao contrário, a história depende da iniciativa livre e criativa dos seres humanos. Além disso, ela possui uma estrutura significativa capaz de organizar e estruturar os acontecimentos. Uma estrutura dependente da decisão da liberdade de um sujeito. Nesse sentido, ela se constitui como um “processo de humanização, ou seja, de conquista de uma progressiva significação humana da natureza e da sociedade” (LIMA VAZ, 2001, p.264).

O homem se experimenta a si mesmo existindo historicamente, porque inserido numa estrutura de eventos. Esta estrutura não aparece como realidade acabada, uma realidade feita, mas uma realidade em devir, uma realidade que se faz; e o fazer da sucessão dos eventos, condicionados [...] conserva, não obstante, sua profunda e tenaz unidade porque é um fazer-se para-a-consciência, sendo a manifestação de um *sentido* que só à consciência se descobre (LIMA VAZ, 2001, p. 222).

A história é compreendida, por Lima Vaz, portanto, como o termo de um movimento dialético capaz de articular dois extremos em aparente oposição: a matéria empírica dos eventos e a narração. O tempo empírico do mundo apenas adquire sentido à medida que é assumido pela intencionalidade da consciência. Logo, a história deve ser assumida como o termo do entrelaçamento dialético entre “o tempo do mundo como exterioridade pura” e a “pura interioridade das significações que a consciência se dá a si mesma” (LIMA VAZ, 2001, p. 223-224). Nesse sentido, Lima Vaz esclarece

Ser-no-mundo, e submetido a seus determinismos e a seus condicionamentos, o homem é *sujeito* em face do mundo: ele constitui o mundo como uma totalidade de sentido; ora, o sentido pode desdobrar-se em significação objetiva do mundo (natureza) e em significação do mundo para-o-sujeito que nele se situa (liberdade); o homem existe historicamente na medida em que seu discurso sobre o mundo não é a recitação de uma lição de coisas, mas a palavra que torna ambíguo e dramático o “tempo do mundo”, quebrado em sua homogeneidade pela irrupção do evento, aberto em leque de possibilidades pela decisão livre, aceito como risco e significado como aventura. Expressar o ser-no-mundo como afrontamento de um destino: tal a essência da palavra que é história (LIMA VAZ, 2001, p. 224).

Como vimos, à medida que o existir histórico constitui-se como existir temporal assumido pela intencionalidade da consciência, a existência histórica está intimamente articulada à consciência-de-si. Contudo, para Lima Vaz “a *consciência-de-si* se constitui fundamentalmente na relação com o outro” (LIMA VAZ, 2001, p. 231). Não há a possibilidade de significação que seja para um sujeito solitário. A consciência, ao imprimir sentido aos acontecimentos através da narração, ou seja, da palavra, é necessariamente comunicação. Ela é anunciadora de sentido. Enquanto tal, ela está necessariamente referida à outra consciência. Há sentido e comunicação apenas quando há comunhão entre consciências. E as consciências se formam, justamente, nessa comunhão. A consciência-de-si “se constitui fundamentalmente na relação com o outro” (LIMA VAZ, 2001, p. 231). Portanto, a história humana se define como “a comunicação das consciências no tempo pela mediação da cultura” (LIMA VAZ, 2001, p. 254). Isso significa, em última instância, que a possibilidade última da história “está dada na comunicação das consciências” (LIMA VAZ, 2001, p.254). Nesse sentido, Lima Vaz esclarece que

O plano da intersubjetividade não somente define a possibilidade mesma da consciência encarnada; na verdade é nele que se joga o seu

destino. O sinal pode traduzir a parábola e a fábula da imagem do mundo, ou a evidência rigorosa de suas leis, o mito ou a ciência: e temos então a palavra “natureza” trocada entre os sujeitos e traçando o contorno de seu *estar-no-mundo*; ou pode exprimir a aparição do “outro”, o evento imprevisível que irrompe de sua liberdade, o mistério mesmo de sua presença: e temos então a palavra “história” como a interpelação decisiva entre os sujeitos, e definido o sentido de seu *reconhecer-se* no mundo (LIMA VAZ, 2001, p. 226).

Para Lima Vaz, portanto, a história se constitui como o lugar mesmo da formação do sujeito como consciência-de-si. Como o lugar onde a subjetividade pode se exprimir, na comunhão com outras consciências, efetivamente como inteligente e livre. Sendo assim, para o filósofo de Ouro Preto, a história se constitui como “imenso e irresistível processo de *personalização* e, conjuntamente, de *universalização*” (LIMA VAZ, 2001, p.207). O existir histórico, ao tornar possível, a partir da comunicação entre as consciências, a passagem do tempo empírico para o tempo humano da significação, constitui-se como processo através do qual o sujeito empenhado na história se humaniza, isto é, tornar-se efetivamente pessoa.

Ora, a filosofia sistemática de Lima Vaz se constitui como filosofia da pessoa. No que se segue, procuraremos sublinhar de que modo a noção de história é integrada por Lima Vaz ao seu sistema.

4. A pessoa como ser histórico: a questão da liberdade e da responsabilidade

O surgimento da consciência histórica moderna, como indicamos acima, está ligada à descoberta e afirmação da subjetividade. Contudo, para Lima Vaz, o grande *enigma* da modernidade está no fato de que ao afirmar a primazia e autonomia da razão tecnocientífica a própria modernidade teria relegado a segundo plano a subjetividade. Toda reflexão filosófica de Lima Vaz pode ser interpretada como tentativa de trazer novamente para o primeiro plano a subjetividade instauradora de sentido e, portanto, fonte da história.

O ponto de partida da reflexão sistemática Lima vaziana encontra-se na obra *Antropologia Filosófica*. Ao perguntar quem é o ser humano, o filósofo jesuíta não tem em vistas o homem como mero objeto de investigação. Ele quer pensar o *ser* do homem como sujeito, como *expressividade*. Em *si-mesmo*, o ser humano é pessoa. Na sua inteligibilidade *em-si*, a pessoa é princípio de toda investigação e de toda significação. Como ser que existe historicamente, cada pessoa singular deve se empenhar concretamente na busca pelo sentido. O sentido, portanto, deve ser “criado pelo jogo das liberdades humanas – pelos homens que, pensando a história, existem historicamente” (LIMA VAZ, 2001, p.214). Cabe a cada pessoa exercer de modo autêntico e criativo a sua liberdade, constituindo-se dessa forma como autor da própria história.

Contudo, Lima Vaz tem aqui o cuidado para não cair num relativismo historicista. Para ele, a questão da história nos recoloca diante do problema a respeito da natureza humana (LIMA VAZ, 2006, p. 11). Natureza essa compreendida não

como uma *ideia* abstrata e a-histórica, mas como um *invariante de exigência* que funda a própria possibilidade da história: a exigência da auto-afirmação do homem como *sujeito*, pela mediação do ato de consciência, face ao mundo, a ser conhecido e transformado como *objeto*, e em face do outro, a ser por sua vez reconhecido como *sujeito* (LIMA VAZ, 2001, p. 267).

Ao se confrontar com este problema, Lima Vaz defenderá que se, por um lado, o ser humano é um ser singular que existe historicamente, por outro, ele possui uma essência que, ao definir *eideticamente* o seu ser, é capaz de delimitar todo processo de humanização.

Não temos condições aqui de reconstruir todo o percurso desenvolvido por Lima Vaz na *Antropologia e na Ética filosóficas*. Sublinharemos apenas algumas questões que julgamos importantes para indicar a originalidade da proposta de Lima Vaz.

Ao recolocar o problema a respeito da natureza humana, Lima Vaz propõe uma compreensão do ser humano que pode ser interpretada como recriação criativa da concepção de ser de Tomás de Aquino. Não pretendemos desenvolver aqui a posição do doutor Angélico, que, na interpretação de Lima Vaz, desenvolve-se ainda nos moldes do paradigma cosmocêntrico. Para alcançarmos nosso objetivo, apenas recordaremos que, para o Aquinate, todos os entes finitos são marcados na sua constituição ontológica pela distinção real entre essência e ser. De modo semelhante, mas ao mesmo tempo, distinto e original, Lima Vaz pensa o homem como ser finito que deve ser compreendido como síntese dialética entre essência e existência.

Enquanto essência, o ser humano é constitutivamente um ser de estrutura e de relações. Ele se constitui como ser *em-si* e *ser-para*. A síntese dialética entre essas duas dimensões, em aparente oposição, deve ser alcançada através do existir concreto. Este tem a função de atualizar aquilo que o ser humano é por essência, promovendo uma unificação cada maior do próprio *eu*. Essa unificação torna possível a realização do ser humano como pessoa.

Ao sintetizar a sua posição, Lima Vaz afirma:

Na concepção do homem como *expressividade*, o sujeito é pensado como movimento incessante de passagem ou *mediação* entre o ser que é simplesmente e o ser que se *significa* seja na sua constituição *em-si* (estrutura), seja na sua conversão ao outro (relações). Operar é, pois, necessariamente, movimento de automanifestação que procede do próprio ser e o constitui como sua *existência* em ato (*enérgeia*). Compreende-se, pois, que o termo dessa automanifestação seja a efetivação da existência como *auto-realização*, vem a ser, como síntese entre estruturas e relações que tem lugar na ordem do *operar* propriamente *humano* (LIMA VAZ, 1992, p.164-165).

O existir histórico do homem, portanto, para Lima Vaz, não é um existir aleatório e puramente empírico. Ele torna possível operar a síntese dialética entre *ser* e *dever-ser*. Nesse sentido, é possível afirmar que a realização do ser humano como pessoa depende “da unificação da *essência*, ou seja, do homem como *expressividade*, na ordem da *existência* ou do homem como *expressão* atual do seu próprio ser” (LIMA VAZ, 1992, p. 172).

Logo, se o homem deve ser pensado a partir da síntese dialética entre *essência* e *existência*, isso significa, entre outras coisas, que o existir histórico assume lugar fundamental a partir do qual se torna possível afirmar a inteligibilidade do próprio *ser* e da própria *ação* e, também, a inteligibilidade do mundo. A concepção de ser humano, defendida por Lima Vaz na *Antropologia Filosófica*, e também na ética como veremos, pressupõe e integra de modo fundamental e indissolúvel a questão da história.

De um lado, o existir histórico do homem tem a importante função de atualizar a essência conferindo sentido e orientação para o aqui e agora do mundo. Desse modo, as respostas que o ser humano pretende alcançar para seus dilemas não serão encontradas prontas em nenhum lugar. O sentido não pode ser simplesmente contemplado. Ele não está dado e acabado. Ao existir historicamente, a pessoa deve empenhar-se. Como vimos, é a intencionalidade da consciência do sujeito que imprime sentido aos acontecimentos. Portanto, não há um destino já fixado. As respostas dependem da liberdade e da criatividade do sujeito.

Por outro lado, a afirmação da importância do existir histórico para a construção do sentido não conduz, para Lima Vaz, a uma posição relativista. A história, enquanto história propriamente humana, constitui-se, como já afirmamos anteriormente, como um processo de personalização. Sendo assim, a história apresenta-se como um processo que torna possível ao homem se tornar, não qualquer coisa, mas sim aquilo que ele constitutivamente já é, ou seja, pessoa. Pessoa aqui compreendida como síntese dialética de essência e existência.

Ora, para Lima Vaz apenas nos tornamos pessoas através do existir pessoal que é, por vez, um existir histórico. Esse existir tem lugar por meio do exercício concreto de atos pessoais. Um dos atos pessoais por excelência é o ato ético. Integrada de modo orgânico com a antropologia sistemática de Lima Vaz, a questão da história também será fundamental em sua ética sistemática. Ao pensar o existir ético, isto é, a vida ética como entrelaçamento de atos éticos, Lima Vaz escolhe a categoria de História como sendo aquela capaz de explicitar o momento da singularidade da dimensão objetiva da vida ética. Sobre isso ele afirma:

A História é aqui pensada numa perspectiva essencialmente *ética*, segundo seus dois aspectos fundamentais: como história *vivida* pelo indivíduo e pela comunidade; e como história *inscrita* na duração objetiva do *ethos*. Podemos, pois, admitir que a categoria de História é a mais apta para exprimir a *singularidade* objetiva da vida ética (LIMA VAZ, 2000b, p. 226)

Isso significa, entre outras coisas, que para Lima Vaz o existir ético se singulariza necessariamente como existir histórico. A intencionalidade da consciência do sujeito, ao transcender o mundo natural, não é apenas responsável pela criação do sentido, mas também pela direção que as ações devem tomar. Contudo, isso não significa, para Lima Vaz, defender o relativismo ético. A ilimitação do dinamismo da consciência a refere a um polo intencional que é transhistórico: o horizonte do Bem. Portanto, o critério último da avaliação de nossas ações não é nenhum critério particular ou relativo, mas transcendente. Sobre isso, o filósofo de Ouro Preto afirma

Nenhum desafio histórico mais radical para o ser humano do que a *decisão* que só a ele compete em face dos bens, dos fins, dos valores do *ethos*; em suma, em face do bem e do mal. Essa decisão rompe a linearidade horizontal do curso histórico, elevando-se na direção vertical que aponta para a ideia do Bem, ou para a objetividade da vida ética em sua absoluta universalidade (LIMA VAZ, 2000b, p. 227-228).

Somos colocados aqui, mais uma vez, diante da questão da relação entre o Absoluto e a História. Questão tão cara a Lima Vaz, mas que por questão de delimitação de nosso texto não podemos desenvolver. O que queremos indicar aqui, no entanto, é o seguinte: para Lima Vaz, a história compreendida como processo de personalização, isto é, como processo que torna possível ao ser humano se tornar quem ele é, constitui-se como o lugar da realização efetiva do ato ético. Mas, se não há ato ético desvinculado da história, não há realização humana sem empenho e exercício criativo da liberdade. Não há realização humana na fuga da realidade.

Se admitirmos que a unidade *existencial* do ser humano como síntese de sua estrutura e de seus atos é coroada por seu ser ético ou moral é no existir e no agir *histórico* que se abre o espaço de concretização dessa unidade na *singularidade* da vida ética (LIMA VAZ, 2000b, p. 228).

Portanto, pensar a questão da História, a partir da perspectiva de Lima Vaz, nos coloca diante de duas outras grandes questões: a questão da liberdade e a questão da responsabilidade. O resgate

da subjetividade, do qual depende a superação do enigma da modernidade, passa necessariamente pelo engajamento de cada pessoa. Isso significa que as respostas para os desafios de nosso tempo não estão prontas, não nos serão dadas por nenhuma realidade “absoluta”. Elas devem ser buscadas por cada um. Exigem responsabilidade. O sentido, como vimos, é construído.

Contudo, por outro lado, não é todo sentido que conduz à personalização. Há sempre o risco de alienação. Para Lima Vaz, a condição última de possibilidade da busca do sentido, e o polo último intencional dessa busca, é o Absoluto. Mas, a afirmação do Absoluto não diminui em nada a nossa liberdade e a nossa responsabilidade diante da História. Logo, História e Absoluto não se contradizem, mas estão em íntima relação.

5. Considerações Finais

Ao reconhecer que a questão da História perpassa todas as obras de Lima Vaz, procuramos indicar, ainda que de modo bastante sumário, como esta questão está integrada às suas posições sistemáticas. Defendemos que a noção moderna de história, tal como assumida por Lima Vaz, permite a ele repensar de modo criativo a concepção de *ser* tomasiano, rompendo definitivamente com o paradigma cosmocentrismo do qual Tomás parece ser ainda devedor e assumindo postura definitivamente moderna.

Por outro lado, ao assumir a História como uma das noções fundamentais de sua reflexão, Lima Vaz não precisa ceder nem a tendências imanentistas, nem a posições relativistas. Logo, embora assuma postura moderna e afirme a necessidade de trazer para o primeiro plano a subjetividade construtora de sentido, ele não vê contradição entre a História e o Absoluto. Ao contrário, para ele a superação do *enigma* da modernidade depende necessariamente da afirmação do Absoluto. Apenas assim, conseguiremos trazer para o primeiro plano a subjetividade livre e criativa, construtora de sentido e, portanto, fonte da História.

Referências

HERRERO, Francisco Javier. **A ética filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz**. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 39, n. 125, p. 393-432, 2012.

_____. **Aspectos fundamentais da antropologia filosófica do Padre Vaz**. *Revista Veredas do Direito*, v.1. n. 2, pp. 53-61, jan./jun, 2014,

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Loyola, ⁸2006.

_____. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura**. São Paulo: Loyola, ³2000a.

_____. **Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura**. São Paulo: Loyola, ²2002.

_____. **Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2**. São Paulo: Loyola, 2000b.

_____. **Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História**. São Paulo: Loyola, 2001.

MAC DOWELL, João A. **Aspectos fundamentais do pensamento ético de Padre Vaz**. *Revista Veredas do Direito*, v.1, n.2, pp.63-79, 2004.

_____. Saber filosófico, história e transcendência. In: MAC DOWELL, João A (org). **Saber filosófico, história e transcendência**. São Paulo: Loyola, 2002, pp.11-16.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. **Metafísica e Ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 2013.

RIBEIRO, Elton Vitoriano. **Reconhecimento ético e virtudes**. São Paulo: Loyola, 2012.

Notas

1. Em *Ontologia e História*, Lima Vaz explicita o *enigma* da modernidade do seguinte modo: “a ‘consciência histórica’ dos tempos modernos nasceu da exaltação da subjetividade como matriz do *projeto* de ‘humanização’ da natureza pela ciência e pela técnica; e, como o aprendiz de feiticeiro, a subjetividade mesma se vê ameaçada de submersão no implacável anonimato de seus instrumentos gigantescos e eficazes” (LIMA VAZ, 2001, p.216). Portanto, o *enigma* da modernidade caracteriza-se pelo esquecimento da própria subjetividade que se constitui como marca definidora do próprio tempo moderno.
2. Lima Vaz define o sujeito como sendo “o ser cujo ato específico é a compreensão do mundo e sua transformação como correlativa àquela compreensão; e a compreensão de si mesmo, como momento dialético oposto necessariamente à compreensão do mundo. Em suma, o ser cujo ato específico é o ato de consciência” (LIMA VAZ, 2001, p.255).
3. Em *Ontologia e História*, Lima Vaz define a consciência como sendo “o ato que define e especifica o homem enquanto este não é uma simples ‘coisa da natureza’ ou apenas um animal, mas é *sujeito*” (LIMA VAZ, 2001, p. 255).

Abstract:

In this paper, we will show how modernity takes history as a philosophical problem. Next, we will explain the notion of history defended by Lima Vaz. Finally, we will defend the thesis that the notion of history is closely integrated with the systematic philosophy of Lima Vaz.

Key words: History – subjectivity – being - existing